

Traduzindo a China literária

Translating literary China

Yao Jing Ming

Universidade de Macau
jmyao@um.edu.mo

RESUMO

A tradução acompanha sempre os contactos e os intercâmbios estabelecidos entre os diferentes povos, enquanto a tradução literária constitui uma via específica e fascinante para ajudar o entendimento entre eles. Neste artigo, pretende fazer-se um esboço sobre o panorama da tradução literária realizada ao longo do tempo em Macau, quer sobre obras escritas neste território quer sobre obras da literatura chinesa em geral. Também se faz uma observação sobre o critério de seleção de escritores chineses a serem traduzidos por parte de editoras estrangeiras.

PALAVRAS-CHAVE

Tradução, literatura chinesa, Macau, preocupação política, censura, editora.

ABSTRACT

Translation always goes hand in hand with contact and exchanges between different peoples, while literary translation is a specific and fascinating way to help provide mutual understanding. This article aims to give an overview of the translation of Chinese literature in Macao over time. It also makes an observation on the selection criteria of Chinese writers to be translated by foreign publishing houses.

KEYWORDS

Translation, Chinese literature, Macao, political concern, censorship, publishing house.

A partir da poesia: primeiros contactos entre as literaturas chinesa e portuguesa

Portugal foi um dos países europeus mais antigos a estabelecer contacto com a China, permanecendo Macau sob a sua administração durante mais de 400 anos. Ao longo de várias centenas de anos de contactos, a China tornou-se num tema inevitável para políticos, diplomatas, missionários, viajantes, aventureiros, romancistas e poetas portugueses, os quais, em diferentes tempos e espaços, e de acordo com a sua imaginação, experiência pessoal ou profissional, ou necessidade dos tempos, imaginam e narram a sua perspetiva da China, construindo uma imagem do “Outro” sempre em mutação. Na construção desta imagem por diferentes fases, há louvores exagerados de que a China é esculpida como um país perfeito e utópico, sobretudo nos escritos dos portugueses que chegaram à China nos séculos XVI e XVII, tais como Fernão Mendes Pinto (*Peregrinação*), Galiote Pereira (*Tratado da China*), Gaspar da Cruz (*Cousas da China e do Reino de Ormuz*), João de Barros (*Décadas da Ásia*) ou Álvaro Semedo (*The History of that Great and Renowned Monarchy of China*). No entanto, também não faltam discursos e descrições baseados na atitude eurocêntrica, desvalorizando a civilização chinesa, sobretudo a partir do século XIX, enquanto a China se tornou mais conhecida para os europeus e iniciou também um processo de declínio e enfraquecimento.

Em Macau a tradução, seja oral seja escrita, é sempre uma ponte que facilita o contacto e a comunicação entre os chineses e os portugueses, mas a tradução sistemática de obras clássicas chinesas aconteceu mais tarde, cabendo aos missionários jesuítas residentes em Macau, no século XX, a tarefa de começarem a traduzir, para português, as principais obras confucionistas e taoístas. No entanto, a tradução de poesia clássica chinesa começou mais cedo, datando de finais do século XIX. No século XVIII uma “febre oriental” ocorreu na Europa, ecoando até ao século XIX com o aparecimento da *chinoiserie*, o que levou alguns escritores europeus a nutrir interesse pela poesia chinesa, cuja divulgação se devia muito à publicação de *Le Livre de Jade* em 1867, traduzida pela poetisa francesa Judith Gautier. A publicação desta antologia teve grande repercussão na Europa e exerceu influência além fronteiras, e até mesmo a tradutora foi apanhada de surpresa pelo eco que a sua tradução provocou. Este livro foi reeditado várias vezes em França, tendo sido traduzido em muitas línguas ocidentais, inclusive a língua portuguesa. O poeta António Feijó, ao ler esta antologia, ficou surpreendido e traduziu-a para português sob o título de *Cancioneiro Chinês*, no qual o poeta e

tradutor, porém, não referiu *Le Livre de Jade* de Judith Gautier. Com esta “obliteração” até parece que foi o próprio António Feijó que traduziu os versos diretamente do chinês. Além do mais, adotou uma outra estratégia, conseguindo, através de um amigo, convidar o adido militar chinês acreditado em Paris, Tcheng Ki-tong (陳季同), general da dinastia Qing, a prefaciá-lo o *Cancioneiro Chinês*, o que induz o leitor em erro, sugerindo que a sua tradução tem uma ligação direta à poesia chinesa, não sendo uma retradução.

Se *Le Livre de Jade*, de Judith Gautier, alterou a vários níveis a imagem da poesia chinesa em França e até na Europa, o *Cancioneiro Chinês* levou os portugueses a contactarem pela primeira vez, na sua própria língua, com a “misteriosa” poesia chinesa. A antologia poética chinesa foi acolhida em Portugal com interesse e curiosidade, sendo bem apreciada e louvada pelo poeta Miranda de Andrade nos seguintes termos: “A beleza da forma e a beleza conceptual elevam a muito alto o valor estético do *Cancioneiro*, que é um harmonioso eco do lirismo chinês na nossa língua, uma bela nota de exotismo na Literatura portuguesa, a qual ficou com ele mais enriquecida, devendo, por isso, enfileirar o seu autor em lugar de destaque entre os maiores “exotistas” seus contemporâneos” (Ramos, 2001, p. 150). Esta tradução, ou melhor, adaptação, apesar de ser realizada através da terceira língua, é considerada como o primeiro contacto entre as literaturas chinesa e portuguesa. No entanto, fazendo uma leitura comparativa da tradução de António Feijó e dos poemas originais, podemos verificar que os poetas chineses estão bastante ocultos entre os versos entusiásticos do tradutor, dificultando a identificação dos poemas originais.

Outro poeta português Camilo Pessanha também mostrou grande interesse pela literatura chinesa. Em 1894 foi para Macau, onde viveu vinte e dois anos e acabou por morrer. Pouco tempo depois de chegar a Macau, começou a estudar o chinês e, segundo o amigo Alberto Osório de Castro, passou a falar fluentemente cantonês: “Pessanha era conhecidíssimo e estimado entre os chineses, que o rodeavam muito pela rua quando passava e ficavam com ele a papaguear nessa multimilenária língua dos Celestes...” (Pessanha, 1986, p. 14). Tal como Ezra Pound ou Victor Segalen, Pessanha nutria grande admiração pela língua chinesa considerando-a como “a mais formosa e a mais sugestiva de todas as línguas literárias vivas ou mortas” (Pires, 1992, p. 116). O poeta também tinha paixão pela poesia chinesa, recorrendo ao domínio limitado da língua e ao auxílio

de um amigo chinês para traduzir a breve antologia de *Elegias Chinesas*. Camilo Pessanha explicou, no prefácio, as características da poesia chinesa e como é que estas tinham causado enormes dificuldades na tradução, manifestando, desta forma, o seu conhecimento bastante aprofundado da poesia chinesa. Embora apreciasse a poesia e a língua chinesa, a sua atitude para com cultura chinesa não se distanciou da posição eurocêntrica que reinava na maioria dos escritos do Ocidente referentes à China de então. A cultura chinesa, na perspetiva do poeta, excetuando a poesia e a língua, é inferior em todos os outros aspetos à ocidental, visto que lacunas na natureza deste povo limitam a arte chinesa, apesar das suas “brilhantes características naturais”. O próprio Pessanha afirma que as capacidades são antes de mais inatas, depois transmitidas e regularizadas em capacidades reprodutivas, porque aos chineses “falta elevação nos intuitos da arte”, sendo a sua inteligência inferior à dos europeus, “a história da civilização chinesa apenas acusa na raça uma menor aptidão para a elaboração das grandes conceções sintéticas” (Pires, 1992, p. 8).

Camilo Pessanha traduziu na totalidade os dezassete poemas da autoria dos oitos poetas da dinastia Ming, os quais são medíocres em comparação com os grandes poetas da dinastia Tang ou da dinastia Song, tais como Li Bai (李白), Du Fu (杜甫), Bai Juyi (白居易), Wang Wei (王維) ou Su Dongpo (蘇東坡). Neste sentido, é curioso questionarmos: se o poeta tinha um conhecimento convencional da língua e da literatura chinesas, porque é que não escolheu grandes poetas para traduzir, em vez de se inclinar para estes pouco representativos na poesia chinesa? Eis o que fica por pesquisarmos.

O poeta admite que a tradução é uma viagem, sendo a tradução da poesia chinesa uma bem arriscada, por vezes com risco de se soçobrar. Assim, ele adotou uma atitude cautelosa e obedeceu fundamentalmente ao princípio de “tradução direta”: “Traduzi literalmente – tanto quanto a radical diferença entre o génio das duas línguas o permite.” (Pires, 1992, p. 9). Por isso ele não “domesticou” a tradução à maneira criativa de Ezra Pound, antes esforçou-se ao máximo para ser fiel ao texto de partida, sem ter realizado supressões. Também para facilitar a compreensão do leitor relativamente a símbolos, metáforas, nomes geográficos e alusões históricas emergentes nos poemas, recorreu a muitas notas elucidativas. No entanto, mesmo à luz do princípio de fidelidade, ele tinha de abandonar a rima, a técnica métrica e prosódica que caracterizam a poesia

¹ José Vicente Jorge, ilustre macaense e Diretor dos Serviços do Expediente Sínico.

chinesa, visto que são aspetos quase intraduzíveis do chinês para qualquer língua ocidental. Se dissermos que a poesia é aquilo que se perde na tradução, o efeito musical que um poema comporta será a maior perda. Podemos concluir que Camilo Pessanha tentou pôr em prática integral o princípio da fidelidade que assegurou uma transferência equivalente a nível linguístico, sem que fosse, porém, garantida uma tradução sucedida, tal como acontece na tradução feita por Ezra Pound, que prefere o “make it new” em vez da passividade do seguidismo fiel. Para os leitores portugueses que pouco compreendem da cultura chinesa, não é fácil sentirem o sentido poético destes poemas “estrangeirados” que desafiam a sua paciência, visto que nomes estranhos de terras e pessoas, alusões literárias veladas à história, bem como o simbolismo desconhecido, formam um “mar de dificuldades” para cruzar:

Eis-me o forasteiro de Ing...Mas baldada romagem!
 Emudeceram de Ing os afamados cânticos.
 E alto o pavilhão para onde as beldades se retiraram.
 A música da Torrente é a que ora modulam...

Os túmulos das princesas para que lado ficam?
 Sobre Hsian-Hsiang pairam nuvens negras.
 Deste abandono só eu penetro bem a essência.
 Do Kiang à borda, desgarrado e triste. (Pessanha, 1995, p. 222)

Camilo Pessanha incorporou neste poema os seus princípios de tradução, procurando eliminar o elemento subjetivo do tradutor, buscando a equivalência linguística e de sentido, mas na tradução quase todos os versos continham alusões aos clássicos e referiam nomes de terras, o que levantava os maiores obstáculos aos leitores sem formação em cultura chinesa, pelo que o poeta recorreu a cinco notas elucidativas, nas quais descreveu com minúcia os nomes das terras e as alusões históricas, tendo recorrido a cerca de 300 palavras para explicar o termo “Ing” (鄞). Como o poema já é medíocre no original, a tradução cheia de nomes estranhos e notas redundantes poderá causar uma leitura cansativa e aborrecida, mesmo feita por um grande poeta simbolista,

Francisco de Carvalho e Rêgo (1898-1960) foi um tradutor e músico. Nasceu em Coimbra e foi criado no seio de uma família tradicional, na qual corria sangue malaio, chinês, timorense e português. Dizem que falava chinês, embora tivesse sido educado no ensino português. Traduziu uma breve antologia de poemas

chineses intitulada *Mui-Fá* e, no prefácio à obra, o tradutor resumiu a longa tradição poética chinesa, reconhecendo que “na dinastia Tang nos aparecem os grandes poetas da China a assentá-la em sólidos alicerces, a darem-lhe feição própria em perfeitas linhas arquitetónicas, construindo o edifício que convinha à maturidade alcançada” (1995, p. 241). Quanto à tradução, também reconheceu que a musicalidade é o mais difícil de traduzir, “havendo que considerar na língua chinesa os diferentes tons, necessários à pronúncia, para distinguir certos vocábulos, a poesia chinesa é essencialmente musical e de imperfeita tradução rigorosa, porque há sempre perda de beleza” (Rêgo, 1995, p. 241). Por isso, não se pode recorrer a técnicas poéticas tradutórias de outras línguas para traduzir a poesia chinesa. Rêgo enfatizou ainda o facto de não ser poeta, sendo o seu principal objetivo apenas zelar pela preservação da poesia chinesa e não tanto a preocupação com a adequação formal ao estilo poético, e se o estilo da tradução fosse preciso, seria por pura coincidência (Rêgo, 1995, p. 243). Num tempo em que a poesia chinesa ainda era ignorada em português, a sua atitude como tradutor merecia ser louvada, embora a tradução não fosse satisfatória, com certas falhas na compreensão de imagens originais.

Como poeta, escritor, ensaísta e tradutor notável, Jorge de Sena escreveu sem parar ao longo da vida, deixando-nos um rico e variado legado. Com os seus conhecimentos profundos e uma visão ampla em relação a outras literaturas, valorizava imensamente a utilidade da tradução, considerando que o mais importante era traduzir as obras-primas para mostrar a natureza multifacetada da literatura. Ele publicou, em 1971, a antologia poética *Poesia de 26 séculos*, com poemas de todo o mundo traduzidos por si próprio, incluindo japoneses e chineses.

Um outro poeta e estudioso que silenciosamente se dedica à tradução da poesia chinesa é Gil de Carvalho. Traduziu *Uma Antologia de Poesia Chinesa*, publicada em Lisboa, que cobre desde a primeira antologia de poesia chinesa *Os Cantares* até aos poemas de Nalan Xingde (納蘭性德), poeta manchu da dinastia Qing, abrangendo a maioria dos períodos da história, embora os poemas registados de cada um não fossem em grande número. Diz-nos o autor no prefácio que “a poesia chinesa é uma massa gigantesca, tem aqui uma gota de água, um breve leque para podermos ver-lhe a grandeza” (Carvalho, 1989, p. 9). Ele viveu por um breve tempo em Pequim, sabe um pouco de chinês, por isso afirma que “os poemas foram transpostos a partir do original, mas com recurso – no meu caso indispensável – a pelo menos uma tradução em línguas ocidentais. Ter-me-ia sido impossível traduzir sem recurso a estas” (Carvalho, 1989, p. 11). Gil de

Carvalho investigou profundamente a poesia chinesa tendo feito um trabalho muito sólido, e no prefácio da antologia resumiu, de forma cuidadosa, as características da poesia chinesa, bem como a sua relação com a escrita. A obra foi reeditada em 2008, ou melhor, foi complementada ao ponto de parecer um livro novo, contando com um acréscimo de 90 poetas, tornando-se numa antologia poética chinesa muito alargada e mais completa. Como poeta, Gil de Carvalho, merece admiração pela sua delicada sensibilidade linguística que procura preservar as especificidades da poesia chinesa. Mesmo em relação às rimas dos poemas que são sempre uma dor de cabeça para qualquer tradutor, ele fez esforços em transmiti-las dentro do condicionalismo, tal como se vê neste poema: “Folhas secas, folhas secas, /O vento é que vos levanta /Ah irmãos, meus irmãos /Cantai vos, eu de seguida”. Também existe outra tradução de poesia clássica chinesa com o título de *Pavilhão de Chuva: Antologia de Poesia Chinesa Clássica*, editada pela Pedra Formosa em 2002.

Macau como um centro de traduções marginalizado

Sendo um ponto de intercâmbio das culturas chinesa e portuguesa, Macau é responsável pela tradução de muitas obras chinesas para português. No processo das atividades de tradução, cabe aos missionários desempenharem um papel dinâmico, e entre eles distingue-se o Padre Joaquim Guerra (1908-1993), que se esmerou com grande paciência e entusiasmo na tradução dos Clássicos Chineses, tendo publicado *O Livro dos Cantares* (1979), *As Escrituras Seletas* (1980), *Quadras de Lu e Relação Auxiliar* (1981), *O Quadrivolume de Confúcio* (1984), *As Obras de Mêncio* (1984), *O Livro das Mutações* (1984), *O Cerimonial* (1986), *A Prática da Perfeição: Dao Te Keg* (1987). Fez estudos e trabalhou como missionário em várias cidades chinesas, testemunhando de perto as mudanças radicais da sociedade chinesa, mas acabou por ser expulso da China, acusado de “ensinar o povo rezar” e “pregar Evangelho”. São acusações absurdas surgidas na absurda década de 1960, em que ocorreu o movimento desastroso de “Grande Salto para Frente”, que causou a morte de milhões de pessoas devido à fome. Contudo, a tradução incansável dos Clássicos Chineses, concretizada pelo Padre Joaquim Guerra, prova o seu respeito e amor que sente pelo povo chinês e pela sua cultura, tal como ele afirma no prefácio de *As Escrituras Seletas* quando fala da história chi-

² Os títulos destas obras em chinês são 《詩經》, 《尚書》, 《春秋左傳》, 《四書》, 《孟子》, 《易經》, 《禮記》, 《道德經》.

nesa: “nela se revela a excecional vitalidade do povo chinês e o seu humanismo.” (1987, p. 6). Para ele, a cultura chinesa é uma abundante arca do tesouro, que é preciso partilhar com o mundo:

Os Clássicos chineses dos milénios pré-cristãos, foram sempre a Escola onde se inspirou e fraguou a alma da China. É pois desse património que os chineses devem continuar a viver, para se manterem genuínos e assegurarem a sobrevivência, dignidade e esplendor da sua Pátria. Mas outros países, sejam de que latitude forem, poderão também frequentar esta Escola com bom proveito. (Guerra, 1987, pp. 15-16)

Entretanto, como missionário imbuído de espírito religioso, ele não se esqueceu de recorrer a todos os meios ao seu alcance para a difusão da fé, o que deixou marcas nas suas traduções, visto que um tradutor, na qualidade do sujeito da tradução, não é capaz de ficar inteiramente liberto da sua subjetividade.

Ao longo do tempo, Macau não tinha uma estrutura cultural especializada, por isso, em 1982, o governo português de Macau decidiu criar o Instituto Cultural de Macau (ICM), cujo principal objetivo consistia em “promover os valores da cultura portuguesa na zona da Ásia-Pacífico e os valores da cultura chinesa especialmente no espaço de língua portuguesa e na Europa”. Apesar disso, o instituto não fechou os olhos à “promoção e execução duma política de cultura e de investigação científica do território ligada à vivência intercultural luso-chinesa”. Na sequência desta política, a tradução de escritores chineses também fez parte dos projetos deste instituto, que publicou uma série de obras de autores chineses antes de passagem da administração de Macau para a China. São de mencionar as traduções feitas por António Graça de Abreu, tais como *Poemas de Li Bai* (1990), *Poemas de Bai Juyi* (1991), *Poemas de Wang Wei* (1993) e *O Pavilhão do Ocidente* (2008). O tradutor viveu e trabalhou na China entre 1977 e 1981 como professor de Português e também como revisor numa revista oficial da China. Enquanto trabalhava na China, apaixonou-se, escrevendo a poesia amorosa onde se ouve um eco da influência subtil da poesia clássica chinesa. Ele é poeta, mas a sua maior contribuição consiste na tradução de uma série de poetas chineses. Além das obras acima mencionadas, o poeta e tradutor ainda publicou *Poemas de Han Shan* (寒山, 2008) e os *Poemas de Du Fu* (2015). Pela sua mão, foram traduzidos

³ Política de Cultura – Anos 90. *Revista de Cultura*, n.º 1, p. 111.

para português, pela primeira vez em larga escala, os poemas clássicos e teatro chineses. Fez um trabalho bastante consciencioso, escrevendo um longo prefácio para cada livro, no qual esboça os aspetos fundamentais da cultura chinesa, a biografia do autor e as suas características estilísticas, bem como as circunstâncias históricas em que cada obra foi realizada. Ao avaliar a tradução de *Poemas de Li Bai*, Paulo Franchetti julga que “uma das qualidades principais da tradução de Graça Abreu é a simplicidade, a familiaridade da linguagem com que agora se vestem os poemas de Li Bai. Outra, que tal familiaridade se consiga sem prejuízo da delicadeza da expressão e sem abandonar aquela forma de organização que parece característica da poesia chinesa: a justaposição de imagens, sensações ou sentimentos” (Franchetti, 1992, p. 381).

O ICM também publicou *Poesia Escolhida de Ai Qing* (艾青), obra que chegou a ser recomendada pela *Revista de Cultura*, revista criada pelo ICM, para se candidatar ao Prémio Nobel de Literatura em 1997. Luís Sá Cunha, à época o editor da revista, publicou um artigo intitulado de “Maior poeta da China em Português um Nobel para Ai Qing”, tendo recorrido a uma escrita profundamente emotiva para apresentar o contributo poético de Ai Qing, de forma a defender que o poeta chinês era um candidato apropriado à conquista do Prémio Nobel daquele ano.

Vale a pena referirmos também publicações bilingues, tal como *Antologia de Poetas de Macau*, única antologia poética que integrou poetas chineses e portugueses residentes em Macau. Foi a primeira iniciativa editorial que visa incentivar o diálogo entre as diferentes comunidades em Macau, dado que “aqui coexistem ao longo dos anos comunidades que se conhecem mal e dialogaram pior, fechadas com poucas exceções no universo da própria língua. Duas comunidades – de expressão chinesa e portuguesa – que partilharam o espaço sem significativas (e produtivas) trocas” (Laborinho, 1999, p. 17). A obra foi editada por dois poetas em 1999, numa edição conjunta do ICM, Instituto Camões e Instituto Português do Oriente, tendo dado a conhecer os poetas das duas etnias diferentes que se expressam em estilos poéticos próprios.

O ICM também deu muita atenção à tradução de escritores locais tendo publicado as obras de Ling Lin (凌稜), Shu Wang (舒望), Gao Ge (高戈) e Joe Tang (鄧曉炯) abrangendo novela, crónica e poesia. Ao lado do ICM, os Livros do Meio, editora criada pelo jornalista e escritor Carlos Morais José, também tem vindo a desempenhar um papel dinâmico em termos de tradução de autores chineses, tendo já editado *Poemas de Tao Yuanming* (陶淵明), *Quinhentos Poemas Chineses* e *Poemas de Li He* (李賀), entre outros.

Embora em Macau uma série de autores chineses, especialmente clássicos tenha sido traduzida para português, infelizmente, devido ao condicionalismo na circulação, estas traduções não têm uma distribuição alargada nem são facilmente encontradas em livrarias portuguesas. Por isso, não chegam a uma escala maior de leitores portugueses para os quais a literatura chinesa continua distante e desconhecida, enquanto a falta do interesse e do entusiasmo por parte dos livreiros e editoras fazem com que as traduções ultrapassem dificilmente as fronteiras de Macau para viajarem mais longe.

Uma literatura introduzida em segunda mão

Em relação à tradução da literatura chinesa em Macau e em Portugal, apenas a poesia clássica atrai mais atenção de tradutores, mas até ao presente os três romances representativos da história chinesa *O Sonho do Pavilhão Vermelho*, *História dos Três Reinos* e *Nas Margens da Água* ainda não foram traduzidos para português, o que se deve à falta de tradutores que dominem bem a língua chinesa e conheçam profundamente a cultura chinesa. Hoje em dia, embora haja mais obras de escritores chineses traduzidas para português, a maioria delas é traduzida a partir de uma terceira língua. Entre as obras traduzidas diretamente do chinês, embora poucas, podemos encontrar *Ervas Silvestres*, um conjunto de contos e prosas do grande escritor Lu Xun (魯迅) traduzido por Sun Lin e Luís Cabral e publicado pelos Livros Cotovia de parceria com a Fundação Oriente em 1997. Sendo um nome incontornável da literatura moderna chinesa, Lu Xun foi um pioneiro do movimento da Nova Literatura das primeiras décadas do século XX, fomentando o modernismo chinês e exercendo enorme influência sobre as gerações posteriores de escritores. Curiosamente, com o objetivo de enriquecer a língua chinesa antiga e promover a sua modernização, o próprio Lu Xun era um tradutor entusiástico que persistia no princípio da tradução literal. Há ainda *O Rosto do Vento Leste – Doze Textos de Prosa Clássica Chinesa*, antologia traduzida por Cláudia Ribeiro e Zhang Zheng-Chun (張正春) e publicada pela editora Assírio & Alvim em 1993. Nota-se que, em Portugal, estão a surgir, nos últimos anos, sinólogos muito jovens, entre os quais se distingue Tiago Navais. Tirou um curso de tradução Chinês-Português e depois foi à China trabalhar como leitor de português. Domina perfeitamente o chinês e compreende bem a cultura chinesa, tendo já traduzido, diretamente do chinês, as três obras do escritor Yu Hua (余華): *A Crónica de um Vendedor de Sangue*, *Viver* e *A China em Dez Palavras*. Falando dos

escritores chineses contemporâneos, Yu Hua é um dos mais traduzidos e conhecidos no estrangeiro, o que justifica a seleção deste autor pelo tradutor. Agora ele está a trabalhar numa tradução de *Crónicas de Explosão* de Yan Lianke (閻連科), que será a primeira tradução direta das obras de Yan Lianke do chinês para o português europeu.

No entanto, como a tradução direta do chinês para português ainda é um fenómeno raro em Portugal, a tradução da maioria de escritores chineses para português tem sido realizada via terceiras línguas, particularmente o inglês e o francês. As editoras portuguesas andam, de modo geral, atrás das principais editoras europeias e americanas na seleção de autores para a tradução. Como não possuem a capacidade de ler e avaliar uma obra em língua original, seguem o padrão de seleção adotado por estas principais editoras, cujo critério de seleção de uma obra pode consistir nos seguintes fatores: o valor literário da obra, a reputação do escritor, a receção prevista no mercado editorial e a tendência política ou ideológica do escritor. Os primeiros três fatores são fundamentais para que um escritor chinês seja introduzido para uma língua ocidental, para tal servindo de exemplo o caso de Mo Yan (莫言) serve dum exemplo. Este escritor talentoso e produtivo, que “fala” mesmo muito embora o seu pseudónimo queira dizer “não falar”, ganhou o Prémio Nobel de Literatura em 2012, o que levou muitas obras dele a ser traduzidas para línguas estrangeiras, incluindo a portuguesa. Assim, duas obras dele já foram traduzidas e publicadas em Portugal: *Peito grande, Ancas Largas* e *Mudanças*.

No entanto, o valor literário nem sempre é um fator decisivo para a tradução de uma obra cujo tema também pode ser predominante sobre o valor literário. Neste caso, temos como exemplo as obras da escritora Jung Chang (張戎) que tem quatro obras traduzidas para português, entre as quais se destaca a obra *Cisnes Selvagens*, que fez dela uma escritora conhecida a nível internacional. Usando uma narrativa ficcional, a escritora conta a vida biográfica de três gerações de mulheres chinesas da sua família – a avó, a mãe e ela própria –, conseguindo comover numerosos leitores com um enredo chocante e tormentoso. O livro revelou-se muito bem sucedido, recebendo elogios e já foi traduzido para mais de trinta idiomas com cerca de 10 milhões de exemplares vendidos em todo mundo. Embora o romance seja louvado como “fascinante e poderoso”, constitui uma referência surpreendente para os leitores europeus conhecerem a história tumultuosa da China daqueles tempos, mas não deve ser considerada como uma grande obra literária.

Para além dos temas que vão ao encontro do imaginário dos leitores em relação à China, a tendência ideológica do autor também é um fator importante para uma editora na escolha da obra para a tradução. Ha Jin (哈金) é um escritor de nacionalidade americana, mas proveniente da China e vive atualmente nos Estados Unidos. Escreve em inglês em vez de chinês e causou polémica na China devido aos temas abordados nos seus romances de forma inapropriada aos olhos das autoridades chinesas, especialmente o relato sobre os prisioneiros chineses na Guerra da Coreia (1950-1953), mas tornou-se num dos escritores de etnia chinesa mais traduzidos em Portugal, onde tem quatro livros publicados: *À Espera*, *Os Alienados*, *Destroços de Guerra* e *Noivo*, dos quais os últimos três são proibidos na China. É inegável que Han Jin, vencedor do National Book Award, o PEN/Faulkner e o Pulitzer, é um excelente escritor, mas a sua tendência ideológica e o estatuto de “*persona non grata*” na China têm contribuído, mais ou menos, para a tradução e distribuição das suas obras em outros países.

Xinran é outra autora que ficou mais conhecida no estrangeiro do que no seu país de origem. A sua obra *Mulheres da China*, uma coletânea de relatos verídicos que descrevem a vida de mulheres chinesas com idades e classes sociais distintas, provocou uma reação positiva depois de ser lançada em Portugal. A autora apresentou na China, durante largos anos, um programa de rádio e, a partir do material obtido nas entrevistas, construiu uma narrativa na primeira pessoa, deixando aos leitores um suspiro triste. Embora a obra não seja puramente literária, teve sucesso editorial e ganhou a empatia das pessoas, que ficaram espantadas com a condição feminina na China, descrita pela autora.

Sendo assim, podemos ver os dois tipos de obras literárias chinesas que têm sido mais traduzidos e publicados em Portugal: o primeiro é constituído por autores de qualidade mas já premiados no Ocidente, tais como Gao Xingjian e Mo Yan (ambos vencedores do Prémio Nobel de Literatura), ou Yu Hua (vencedor de vários prémios chineses e europeus, bem como condecorado pelo governo francês); o segundo é representado pelas obras que satisfazem o interesse e imaginário preconcebidos dos leitores, independentemente do valor literário, pelo que, em muitos casos, a preocupação ideológica do autor constitui um fator decisivo para a tradução e publicação. Por isso, é habitual ver definições como

⁴ Numa entrevista publicada em *Época*, Ha Ji disse que ele é “uma *persona non grata* na China. Até hoje meus livros são proibidos lá”. (<https://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca>). Na realidade, nem todos os seus livros foram proibidos na China e vários romances e um livro de poesia estão à venda em livrarias chinesas.

“livro proibido ou censurado na China”, “autor dissidente ou exilado” na apresentação de um escritor chinês e da sua obra, parecendo que estas definições são etiquetas indispensáveis para a promoção comercial de um “produto”. No que diz respeito à seleção dos temas das obras chinesas para tradução, verifica-se uma evidente preferência por temas centrados numa realidade sombria, sangrenta, conflituosa e cruel em que os chineses vivem ou sobrevivem em condições humilhantes e indignas, sob uma governação ditatorial, o que corresponde à imagem tenebrosa da China construída nos escritos do Ocidente a partir do século XIX, e presentemente muitas obras traduzidas de autores chineses contribuíram, de forma consciente ou inconsciente, para esta construção.

Um caso de análise: o livro censurado

Dado que a preocupação política ou ideológica de autores chineses pode influenciar a editora na listagem de livros para tradução, uma obra polémica ou censurada na China chama sempre mais a atenção da editora, podendo constituir uma justificação prioritária para ser traduzida, o que aconteceu com a publicação da novela *Servir o Povo*, de Yan Lianke.

Sendo um dos escritores mais representativos da literatura contemporânea chinesa, Yan Lianke cresceu numa família de camponeses pobres na província de Henan e entrou no exército em 1978, com o sonho de melhorar a vida. Nesse período, como militar, mostrou o seu talento literário tendo escrito histórias e óperas moralizadora para o exército e chegou a ser chamado para se juntar ao Partido Comunista. Começou a publicar nos finais dos anos 70 e princípios dos 80 do século passado, conseguindo estabelecer o seu estatuto reconhecido nos anos 90 com uma escrita influenciada por Kafka, Lu Xun ou Dostoevsky. Mostra coragem para enfrentar e testemunhar a situação real da China, tendo-se tornado um dos escritores chineses mais traduzidos fora do país, ao lado de Mo Yan, Yu Hua e Su Tong (蘇童).

Galardoado com Prémio Internacional Franz Kafka em 2014, este escritor dinâmico e produtivo diz, no seu discurso preferido aquando do recebimento do prémio, que a sua tarefa como escritor consiste em sentir a escuridão da realidade e acha que na China há pessoas que vivem no meio da luz ilimitada, com entusiasmo, euforia e otimismo em relação ao futuro, mas também há pessoas que sentem a sombra intensa, a frieza penetrante, envolvidos na névoa cinzenta, num tipo de medo de existir. “Quando olho para a China contemporânea, vejo

uma nação florescente mas distorcida, próspera mas transformada. Vejo corrupção, disparate, agitação e caos. Todos os dias acontecem coisas que estão fora da razão e da lógica comum. O sistema de moralidade e respeito pela humanidade, desenvolvido ao longo de milênios, está a desintegrar-se” (Yan, 2014), continua ele no discurso.

Com as obras focalizadas em temas absurdos e cinzentos da vida dos chineses, ele tornou-se num escritor controverso na China com algumas obras censuradas mas ao mesmo tempo ficou muito conhecido no estrangeiro, especialmente depois da publicação de *Servir o Povo*, uma novela em que o autor, como bom conhecedor da vida militar, narra uma história ocorrida no período da Revolução Cultural na China (1966-1976): uma esposa jovem de um comandante do exército aproveita as longas ausências do marido para seduzir um jovem soldado camponês que presta serviço doméstico em casa do casal. A versão abreviada desta novela publicou-se em janeiro de 2005, numa das principais revistas literárias da China, *Hua Cheng (Cidade de Flores)* que acabou por ser proibida por causa do tema ofensivo ao exército. No entanto, a censura não impediu que a novela circulasse numa distribuição subterrânea e chamou atenção de editoras estrangeiras, tal como um “Streisand effect”. Naquela altura, a editora britânica Corsair estava a preparar a publicação do romance *Lenin’s Kisses*, deste autor, mas no processo de revisão do livro, aconteceu o caso de censura de *Servir o Povo*, o que levou a editora britânica a mudar imediatamente de ideias e a publicar esta novela como prioridade.

Yan Lianke é um grande escritor, mas não se pode duvidar que as suas obras censuradas na China são mais preferidas por editoras estrangeiras e têm aumentado a sua popularidade. *Servir o Povo* foi publicado em Portugal em 2007, seguida da publicação no Brasil sob o título de *A Serviço do Povo*, acompanhada da seguinte apresentação sobre o autor: “Yan Lianke é considerado um dos principais escritores asiáticos vivo. É também um forte opositor da ditadura que reina em seu país. Foi expulso de lá por causa do livro *A Serviço do Povo*, que faz sátira com as idiossincrasias da população chinesa.” No entanto, Yan nunca foi expulso do país nem foi penalizado por causa desta obra, continuando a viver e escrever em Pequim apesar de ter as três obras proibidas de vender. A etiqueta de “oposi-

⁵ Tradução do discurso de Yan Lianke proferido em chinês, acessível em <https://v.qq.com/x/page/g0015knztzh.html>.

⁶ <https://www.sebocapricho.com.br/produto/a-servico-do-povo-lianke-yan/17966614>.

tor da ditadura” também é uma estratégia frequentemente adotada por editoras para fazerem propaganda de um escritor chinês.

É verdade que existe censura na China, sobretudo a “autocensura” funciona como um organismo de filtragem que impede os escritores de se expressarem livremente, mas o interesse demasiado centrado na publicação de livros censurados não ajuda na apresentação de um rosto completo da literatura chinesa, visto que há uma literatura dinâmica e variada em temas e estilos, apesar das limitações impostas na expressão.

Portugal foi um dos primeiros países europeus a estabelecer o contacto com a China mantendo uma relação persistente com ela, mas na realidade não há o intercâmbio intenso entre as duas culturas nem entendimento aprofundado entre os dois povos, mesmo em Macau onde as comunidades étnicas e culturas existem e convivem lado ao lado. A literatura chinesa continua largamente ignorada pelos leitores portugueses apesar de ter ganhado certa visibilidade pela tradução de alguns escritores. A estranheza e a distância da língua dificultam a tradução, mas a falta de interesse e vontade é o maior obstáculo. No entanto, é bom verificarmos que este obstáculo está a ser removido, visto que está a crescer cada vez mais a curiosidade em conhecer a literatura do *outro*, sobretudo na China, onde um número considerável de obras de escritores portugueses tem sido traduzido e publicado nos últimos anos. Mesmo assim, ainda há muito por fazer para ambos os lados.

Referências bibliográficas

- Laborinho, A. p. (1999). Por uma Literatura de Macau. In Y. J. Ming, & J. D. Arrimar (Eds.), *Antologia de Poetas de Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Carvalho. G. D. (1989). *Uma Antologia de Poesia Chinesa*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Franchetti. p. (1992). Ofício de traduzir. *Colóquio Letras*, 123/124 (Jan. 1992), 382.
- Guerra. J. D. (1987). *As Escrituras Seletas*. Macau: Jesuítas Portugueses.
- Pessanha. p. (1986). *Obras de Camilo Pessanha*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Pessanha. p. (1995). As Elegias Chinesas. *Revista de Cultura* (Ed. em português) 12, 220.
- Pires. D. (1992). *Camilo Pessanha, Prosador e Tradutor*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Rêgo. F. C. (1995). Mui-Fá. *Revista de Cultura* (Ed. em português) 25, 241.
- Ramos. M. D. (2001). *António Feijó e Camilo Pessanha no Panorama do Orientalismo Português*. Lisboa: Fundação Oriente.

